

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 1904

NUMERO 45



O GENERAL JAPONÊZ KUROKI

O vencedor de Liao Yang, que faz hoje o pesno da Europa, pertence a uma familia polaca que emigrou para o Japão. Grande no odio aos russos que escravizaram a Polónia, o general teve ha tempo uma phrase que bem demonstra a sua ordem d'ideias. Sendo entrevistado por um jornalista, Kuroki exclamou:

—Vingó essas patrias: a Polónia, terra dos meus avós, e o Japão, minha patria.

Essa descendente de polacos, com o seu nome latino, apesar da adaptação d'um Hani japonês, caminha pois no seu desejo de vingança e assim vai aureolando o seu nome e mostrando aos russos quanto pôde o odio accumulado através das gerações n'uma luita intensa como esta.

Mas, apesar de tudo, Kuroki, que foi educado na Europa, guarda, como de resto todos os chefes do exercito japonês, a maior noção de humanidade e sabe pedir aos prisioneiros. D'uma modestia sem equal, de hábitos simples, emerge no commando e bondoso para com os subordinados, é um impulsivo que se lança ao meio do fogo, não tendo como o seu adversario Kurapatkine essa persistencia de esperar.

Kuroki entrou agora na escola militar até onde um general pôde subir e sem duvida, no decorrer da guerra, elle saberd mostrar ainda mais todo o seu valor e toda a ansia que lhe reforme no peito de vingar as suas duas patrias.

CHRONICA

Manobras

Começaram os banhos e pelas manhãs claras, levemente arrepiadas de friagem, os electricos enchem-se de passageiros, que vão a Algés mergulhar-se nas ondas. O burgo arrabaldino, celebre pelos seus restaurants de patiscos, torna-se n'este tempo como uma Lourdes: cura pela fé.

Tomar banhos é para a cidade como tomar remedios. Ambos nascem do conselho dos medicos e são receitados, alguns são mesmo pagos pelos montepios, como as drogas e como os vinhos nutritivos. Uns aviam-se no Estacio e nos Azevedos, no Franco, os outros no Pataco, no Zé Luiz e na Marianna.

Faz-se ali um congresso de banhistas como eu-

cies: os que fazem o bem e curam as molestias, apagam os furunculos e dão vigor aos nervos, como a agua salgada e os depurativos, e os que concorrem para que os furunculos appareçam e os nervos se desorganisem. Uns estão ali em Algés representados pelo rio azul e nas pharmacias, rolhados a laere e com marca a fogo, os outros estão ali na Arcada representados pelo ministe-



A CAPELLA DA MEMORIA EM BELEM

Fundada em 3 de setembro de 1760 em memoria do attentado dos Favoros contra D. José I e na qual se realizaram as festas da Immaculada Conceição

O INTERIOR DA CAPELLA, NA QUAL SE ENCONTRAM PAINÉIS DE PEDRO ALEXANDRINO

Vianna do Castello se faz um congresso marítimo. Os habitantes de Lisboa desceem para as aguas, os moradores d'estas sobem para a terra. Os ultimos vem mostrar as barbatanas, os olhos em lua, em oval, em saliência, os outros vão mostrar as impingens, as fozagens, os nevostismos e os callos.

Algés, enjas aguas são turbadas ao longe pelos paquetes da Mensageira, recebem agora os corpos

de Vianna do Castello installa museus, abre salas, confeita-lhes as paredes e chama para ellas os gorazes, as engulas e as pescadinhas, como se fossem valsar e fazer *firts* diante dos visitantes, cedendo o seu logar nas aguas nos homens que lá vão achacados, doentes, caçados, a procurar os elementos regeneradores.

Os elementos regeneradores são de duas espe-

riedades: os que fazem o bem e curam as molestias, apagam os furunculos e dão vigor aos nervos, como a agua salgada e os depurativos, e os que concorrem para que os furunculos appareçam e os nervos se desorganisem. Uns estão ali em Algés representados pelo rio azul e nas pharmacias, rolhados a laere e com marca a fogo, os outros estão ali na Arcada representados pelo ministe-

rio e n'uma barafundade papéis sellados. Os primeiros acalmam, os segundos excitam; uns fazem consolos, os outros fazem eleições, contractos e manobras.

As manobras duram todo o anno e dão o ultimo espectáculo nos campos quando chega o outomno. Agora fizeram-se no Bussaco e os jornaes encheram-se de cousas extraordinarias a seu respeito. Falaram de canhões rolando e de *champagne* a estalar, de bandeiras desfraldadas e de sarans, de tiros de esquadraes entre nuvens de poeira, de ataques, de bivaques e de batalhas e tambem de mesas postas, de cançonetas, de valsas, de *pic-nics* e de poesias recitadas ao piano. Houve gente que foi lá pelo espectáculo, outra pelo bello ar, outra pela matta e todos pela tropa.

Regressou ha dias do Bussaco uma gentil senhora, muito espirituosa e garrida, que nos dava a se-

guinte impressão das manobras:— Ah! Adoraveis.

Passéi todo o tempo a vêr dançar os lanceiros...

— Dançar?!

— Sim... E que bem... Não imagina.

— Mas onde? No campo...

— Em toda a parte... No campo e no Grande Hotel... E muito bem marcados... Os do campo com as bandeiras vermelhas, os do Grande Hotel com admiraveis *grandes chânes*. Bellas manobras!

E sorria embevecida ainda, a dama, a relembrar Wellington com uma admiração e o *champagne* com uma carela...

Após as manobras militares vieram as religiosas, segundo affirmaram os jornaes avançados e a proposito das festas na ermidã da Memoria. Chamaram um desafio da reacção a quatro bandeiras espetadas e a duas barracas de comes e bebes com tetos de lona espedadas no largo. A reacção abriu tenda e atirou a luva bebendo carrascão e comendo peixe espada e abrindo a igreja, fazendo sermões, e procições com anjinhos. Anda muito por baixo a reacção... Antigamente dispunha d'um Torquemada, de milhares de fogueiras, de sambenitos e do Santo Officio, agora só conta com o Boa Alma, almocerve, com algumas opas, com uns sachristães e quatro barracas... Pohe reacção que faz fineca pé no quartillo e se alastra com o azeite em que frego o peixe! Folgae, liberaes... E simples desmanchar-lhes as manobras... E gozar-lhes as procições, é comer-lhes o peixe, é beber-lhes o vinho como se fosse sangue, e sobretudo... pagal-o! E assim de barrigas cheias e de bolsas vãsias vós ficareis bem vingados e bem... alegres!

ROCHA MARTINS.



A MANOBRAS DO BUSSACO: UM POSTO D'ARTILHARIA



A DESCARGA DO PEIXE NA RIBEIRA NOVA

É um dos lados característicos da vida laboriosa da cidade essa agitação das manhas no Alorro em face do mercado quando as embarcações atracam com as suas cargas e o povo de ovarinos corre a fazer o seu negocio. Agora, d'estas manhas de luz, soam canções, ha animação e muitas vezes ainda vem longe a madre-

gada. Os homens dos barcos que chegam de fora da barca riem e falam com as ovarinas gentis que arregaçam as saias e se mettem na agua para tirar a sua canastra de peixe, que é logo lavado na beira do rio. Depois chegam os descarregadores, começam os carretos, os catriciros sahem para virem à sua ração d'aguardante

é taborninha do morada, isto logo que finda a faina, e então começa a valer o negocio e a mulher rombo, vindo encontrar aquellas simples já fartos de trabalhar e todos cheios d'alegrias são.



AS MANOBRAS MILITARES NO BUSSACO — ARTILHARIA EM MARCHA — INFANTARIA EM DESCANÇO ANTES DA MISSA CAMPAL

Foi no Bussaco que pelo anno de 1810 se fez uma batalha que devia ter uma poderosa influencia nos destinos da nacionalidade portugueza. As tropas francezas do commando de Massena, o filho querido da victoria, como elle chamava Napoleão, foram batidas pelas forças anglo-lusas, commandadas por Wellington, que veio en-

estar á península o golpe com que batera o cerco em Waterloo. E n'aquelle malha, toda de granitos, toda de suor e exaustão, as agais caíram e os nossos soldados cantaram victoria. Essas lozuras historicas, todas cheias de recordações, serviram agora para as manobras d'antemão, reconstruindo-se em parte algumas

placas de estalco encontro, como a passagem do Rio, onde Ladeira, o barbaço manista de terrível memoria, fez construir um ponte, sendo batido por Piche. As manobras começaram em 4 e terminaram em 7 de setembro, sendo iniciadas por uma missa campal na qual o Sr. bispo de Braga, que fez uma alusão aos soldados.



AS MANOBRAS MILITARES NO BUSSACO

CONDUÇÃO DOS FERRELOS — ALOCUÇÃO DO SR. SERVO COELHO — S. M. A RAINHA MONTADA DO BRU CAVALLO INGLEZ — S. M. A RAINHA E S. A. O PRINCEPE REAL — LOCAL ONDE O GENERAL LOMBO PASSOU COM AS SUAS TROPAS EM 1810 — CHERAZA DO SR. DIASO VIDAL — A. REVISTA — PASSAGEM DA INFANTARIA TERCEIRA NA PONTE DO CRUZ — O GRANDE HOTEL DO BUSSACO — S. M. O REI E O SR. ESTANISLAU MAIOR DEBENDIDOS PARA O ALTO DE VALLOSIO.

Os exercicios mais importantes foram os de 5 e 6 de setembro em que se deram os ataques de Cruz e de Moura. No primeiro sítio do Cruz as forças inimigas eram representadas pela 1.ª brigada e pelo destacamento misto constituído e avançada d'um corpo d'exercito que marchava sobre Santa Comba. A defesa era constituída pela 2.ª brigada. E começaram então as phases da luctuosissima do combate, em que se destacou a escalada de Moura da Irtilia por infantaria 7. A artilharia fez um fogo cerceiro e admiravel, e a infantaria 21, que buscou tambem fazer uma escalada, realisou-se com tal ordem que os apilhosos rebentaram unanimes aos valorosos soldados. Quando infantaria 21 chegou ás lizas da estrada de Santa Comba, o effeito foi surpreendente e os apilhosos saíram de novo.

O combate de Moura teve tambem partes brilhantissimas. A familia real ficou no alto de Melho de Nuvia, que estava guardado por um grupo de baterias como em 1810 quando foi de ataque dos francezes. All n'aquelle monte apoderaram-se os francezes de duas peças, sendo gravemente ferido o general Simon. E d'esta vez os ataques foram tambem formos e brilhantes avançando a cavallaria entre nuvens de poeira e sendo rechazada. Não se fez o contra ataque esperado.

S. M. a rainha partiu n'esse mesmo dia com o principe real para Cintra. Como se vê, os soldados portuguezes portaram-se á altura das suas tradições de valentia e de brío, demonstrando bem o que entre elles ha de disciplina e de instrucção militar.

RESIDENCIAS REAES

O palacio d'Ajuda



A TORRE DO RELOGIO

va se recolhe n'um culto do passado e n'uma meditação adivinhada diante dos seus livros e dos objectos do seu

OR todas as salas d'aquella senhorial residencia, erguida no topo do caminho ingreme que vai de Belem, erra como um perfume de serenidade, e vivem, como uma nota de bem estar, a pompa e a tradição ligadas á quasi simplicidade dos nossos tempos, principalmente nos aposentos particulares do S. M. a rainha senhora D. Maria Pia. Os salões vastos, de largos raxos ante ha figuras hercúlicas e fortes e poltronas gregotas como se fossem thronos, fazem abandonados na ala do nascente quasi inteiros n'esse palacio onde a soberana viu-

quece a sua querida Italia de seus aqnes e toda de poesia, que no fundo da sua alma ha não só o amor pelos seus milhores — esses senhores de Saboya fortes e andares — mas tambem o fanaticismo pelos seus feitos. A primeira viuda d'essa raga tão gloriosa e tão sympathica deve ter horas sublimes d'evocação. Por todos os lados ha retratos de Victor Manuel, d'esse portentoso doma-



A SALA ROSA

dor do povos, com a sua face soberba e activa e tãto mada affavel, por todas as paredes se vêem quadros representando o unificador da Italia, o homem que maior golpe deu no poder temporal da Igreja nos tempos modernos, umas vezes em traje de caçador, outras fardado de general, aqui com o seu cão aos pés, acolá no meio dos seus znavos como n'esse pequeno quadro que existe na ante-sala do



A SALA DO RETRATO

Despacho e que é assignada por Comba. Aparece tambem Amadeu de Saboya, esse simples e valoroso principe, que soube renunciar uma coroa e vencer batalhas, mostrando a sua physionomia d'eucante e de doctura que deve ser como uma dor constante para o coração da augusta senhora habitante d'esse paço que custou milhões.

Na sala rosa, pequenina e d'esse colorido do suave e vir-



A SALA DE CARVALHO

gineo que as rosas tom, onde ha jarrões de Sevres e uma estatuza assignada por Benedetto Della, está sobre uma mesinha um livro que nos interessa: *Les Bourbons de Russie*; e vê-se que foi folheado com vagares, nota-se que foi lido com grandes delongas pelas marcas vincadas das folhas. De resto pelas outras salas ha muitos livros, bastantes livros a mostrarem um temperamento e uma occupação, como por exemplo n'essa linda

sala verde, contigua á côr de rosa, e onde está um busto do senhor D. Luiz e ha retratos do senhor infante D. Alfonso com os de muitos principes e monarchas, cobertos de affaveis dedicatorias: os livros revelam bem como S. M. se interessa por essas coisas d'arte da sua Italia querida: é a vida do Rei Carlos Alberto, a *Divina Comedia* em divorsas edições, umas de luxo, outras antigas e uma d'ellas



A SALA CHINEZA

uso.) Deprehendo-se, ao entrar-se um momento na sala rosa, ou na sala verde, que a augusta senhora não es-



A SALA VERDE



A SALA DO DESPACHO

rara, é a *Italia* e a *Casa de Saboya*, obras de Tasso e um tumulo do poeta feito em prata a demonstrar a adoração que a intelligente soberana tem pela memoria d'essa desgraçado do genio, victima da corte de Ferrara. Junto á janella larga que deita para um terraco que o sol escaalda por essa hora do meio dia batida na torre do relógio, está a secretaria onde S. M. trabalha por vezes e sobre a qual pousam retratos dos reis D. Fernando, D. Luis e Amadeu de Saboya. Um bello porco-espinho serve de limpa-penhas, a cadeira da rainha é de velludo floreado e d'uma cor discreta e debaixo da secretaria um molleso, em longa, parece vigiar a casa com a cubeca apoiada nas patas, os olhos vivos, espertos, ericçando os pelos do focinho. N'essa sala ha retratos a óleo de D. Fernando quando mancebo, fardado de general d'esse ducado de Saxe Coburgo, D. Pedro V e D. Maria II, a Imperatriz e D. Pedro IV e ainda Victor Manuel no seu uniforme de cerimonia. Ao lado é a sala de Saxe, um portento a um mimo, todos os seus moveis na louça preciosa que deu celebridade a vinte obreiros, espelhos engradalados, mesas debrunadas de flores de louça, figurinhas bizarras em *staggères*, cadeiras com entrançados d'esmaltes, tudo em Saxe, mesmo o fogão, mesmo um album, mesmo a estante onde ha a *Vida dos Santos*, obras de Bossuet e os *Luziadas* n'uma edição italiana. São forradas a cor de creom as paredes, os tectos são apainelados e fica esta sala junto á de marmore onde ha frescos



A FACHADA DO REAL PAÇO D'AJUDA

so reside no primeiro andar, relembravamos a fundação d'esse paço que devia ser um dos mais bellos da Europa se fosse concluido conforme o plano primitivo. Out'ora, n'aquelle mesmo local existiu uma habitação regia onde D. José viveu e tambem D. Maria I. Porém, quando regente, D. João VI lançou a primeira pedra do paço novo, sendo seus architectos os irmãos Fabri, italianos que celebrisaram o seu nome em Portugal, Manoel Caetano, Francisco Rosa e José da Costa. Devia o palacio chegar ao Pateo das Damas e acabar na meia laranja, junto do cemiterio d'Ajuda, porém houve difficuldades de dinheiro, e só D. Miguel continuou a

beu Saldanha quando foi da noite memoravel de 19 de maio. Em Ajuda residiu o pretendente D. Carlos desde março a junho de 1833 quando disputava o throno da Hespanha, em Ajuda se passaram scenas epicas da historia, e nas suas salas os soberanos soffreram diante das calamidades, das revoluções, dos accusos da politica, durante muitos annos.

E tudo isso nos lembrava no virmos essa sala dos archieiros onde guardas feis vigiaram e na qual ha obras de talha de valor, a do Despacho toda razes, magnificencias, marmores e velludos, a sala d'Espera onde ha tambem razes claros com falcoiros e pagens e enjos tectos são pintados a frescos, a do Corpo Diplomatico, no andar superior, na qual ha tapeçarias bordadas com a antiga corda d'Avis, a sala do Retrato onde existe um magnifico retrato de S. M. a rainha a senhora D. Maria Pia feito em 1880 por Carlos Duran, a antiga sala de billar e por fim a salinha chineza recheada de moveis de laça e de xarão, lindamente trabalhados.

Das janellas avistava-se o Tejo n'um banho de sol, a igreja tão cheia de legenda, a Torre de Belém, as ruinas visinhas com os seus profios mesquinhos abrigados á sombra do paço e vinha-nos sempre a evocação das scenas d'esse paço dos reis passando n'outros tempos por aquellas ruellas nas suas liteiras entre a cavallaria e a turba que ajoelhava.

Agora é bem alguma coisa de moderno como um grande passo na vida da nação que fesse palacio de tão bella architectura nos lembra depois de termos percorrido as suas salas, nas quaes o passado só existe nas que se fecham durante muito tempo, nas que só servem para as grandes ceremonias da corte, vivendo nas outras, onde ha calor, conforto, modernismo e bom gosto, uma real senhora que nos crepse da sua vintoz sabe isolarse com os seus livros e com as suas recordações, ligada por ellas á existencia simples que leva entre as paredes historicas e rivas que tantas tristezas reaos tem presenciado.



A SALA SAXE

ra e plantas ricas, sendo contigua á sala de carvalho, toda d'esta madeira, a qual liza com o salão azul no qual S. M. pelas tardes costuma dar audiencias, lê e conversa com as suas damas de honor.

Atravessando todas essas dependencias onde S. M. costuma residir, onde se encerra e que ficam ao rez do chão do palacio, ao passo que o senhor Infante D. Afonso



A SALA DO CORPO DIPLOMATICO

obra, enchendo as entradas de estatuas impecaveis e gastando ali 800 contos de réis desde 1813 a 1818.

As duas salas do andar superior, as da *Cela*, do *Throno*, da *Aclamação* onde existe um quadro de Cunha Taborda tão precioso como pedras são as 44 estatuas do atrio, algumas das quaes devidas a Machado de Castro, representam os legares onde por vezes se decidiram destinos da nação.

D'ellas sabiu a familia real para o Brazil quando foi da invasão franceza; ali tomou D. Isabel Maria a regencia, e sem duvida n'esse andar el-rei D. Luiz rece-



A ANTE-SALA DO DESPACHO



A SALA DOS ARCHEIROS



Sob o lindo céu, na manhã de sol, a missa foi imponente. As tropas formaram em columna, dando o flanco direito à linha occupada em 1810 pelo exercito anglo-luso. S. M. El-Rei, Suas Altezas Reaes os senhores Infante D. Affonso e D. Luiz Philippe estavam a cavallo, S. M. a rainha senhora D. Amelia sob uma barraca de campanha armada no local. O estado maior rodeava si rei

AS MANOBRAS MILITARE BUSSACO — A MISSA CAMPAL
e lá ao fim, no altar, o senhor bispo conde, acolitado pelos reverendos José Maria dos Santos, abade de S. M. do Prato, arcebispo de Casal Comas, e prior de S. Christovão, celebrava o santo officio em que a sua palavra ardente e vigorosa commoveu e arrebatou. Foi ao referir-se áquelle logar missa. Os soldados nas suas filas, a artilharia, a cavallaria, com os meteos das peças e das banditorias, todo um exercito que elles iam percorrer, como á reconstruir as memoraveis batalhas allittas, fuzilando á luz lateza, formavam um marcial e bellissimo conjunto. E no final da missa travada. Mais de vinte mil pessoas assistiram á missa, realisando-se no fim da cerimonia a mar-

cha em continencia, que foi admiravel, apresentando-se os soldados com todo o garbo no desfile diante de S. M. MM., que muito os louvaram.
S. M. a rainha senhora D. Amelia esteve sempre ajoelhada durante a missa e em que se viu claras essas bellas manobras de Bussaco.



O IMPERADORE E A IMPERATRIZ DA RUSSIA COM SEU FILHO O CZAREVITCH ALEIXO

O nascimento do czarévitch Aleixo parece que vai inaugurar uma nova época na Rússia. O caracter sombrio do czar mais se accentuava ao ver que não tinha um herdeiro para o seu throno.



AS TRES GRANSDUQUEZAS FILHAS DO CZAR: OLGA, TATIANA E MARIA

Agora foi baptizado o pequeno czarévitch e a Rússia espera muito d'esse acontecimento, isto por vagas promessas ouvidas ao imperador.



A ENTRADA DA EXPEDIÇÃO INGLEZA EM LHASSA, CAPITAL DO THIBET

Os inglezes entraram finalmente na capital do Thibet. Os soldados penetraram ali em boa ordem, mas a população ficou horrorizada ao sentir a victoria dos seus inimigos de ha tantos annos. O grão Lhama, summo sacerdote e imperador do Thibet, vendeu a sua liberdade a maior das prefezas.

Essa cidade que é considerada santa, refugiou-se n'um convento d'um povoado vizinho e lançou o seu anathema ás tropas que emfim conseguiram pacificar essa terrivel região que tantas vidas e dinheiros tem custado á Inglaterra.



OS PRISIONEIRÓS RUSSOS NO CONVENTO DE MATSUYAMA (JAPÃO)

Sabe-se a grande humilhação que ha entre os japoneses para com os soldados e officiaes russos que a sorte das armas faz cair em seu poder. E' um exemplo maravilhoso de bondade e de respeito pelos vencidos que esses homens de raça amarella dão á Europa. Têm cahido nas mãos dos japoneses columnas intieras do exercito russo, sendo desde logo recolhidos em locais installados, nas quaes são tratados com todas as honras. Muitas vezes mesmo os generaes comen-

tem que alguns partem, como ainda ha pouco accorden com Oku. O celebre cabo de guerra derrotado e com um sarapato russo feito prisioneiro, disse-lhe: «Que repetas agora? — A morte!» volvez o outro.

O general com um sorriso den-lhe um saivo conducto, dez tabacos, cigarros e um copo d'aguardente, accostando-lhe:

— Var... E diz aos russos que são sempre teremos para os seus agasalho e a

um copo d'aguardente e algum dinheiro para os virem em nosso poder, e balas, estorço e colera, quando se desfontem com naco.

E' por isso que todos os soldados russos que cahem entre os japoneses vem salvandose pela maneira brava e amiza com que elles os recebem, como a reconheceram a galanteria franceza na batalha celebre de Fontenoy.



SR. MENDES D'ABREU

PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DO SPORT CLUB DE COIMBRA

SPORT: O PASSEIO DO SPORT CLUB DE COIMBRA—OS EXCURSIONISTAS

De dia para dia vai a desenvolver-se entre nós o sport, que já tem cultura em quasi todas as terras do país. No domingo 4 de setembro os socios do Sport Club de Coimbra realizaram um passeio á Foz, passeio que foi cheio d'encantos. O percurso, que é de 100 kilometros, foi feito pela estrada real. Em Montemor-o-Velho teve lugar o almoço do grupo. Esta agremiação

foi fundada em 19 de janeiro d'este anno e já conta grande numero de socios, tendo installações magnificas e contando entre os seus membros rapazes dedicados que lhe tem dado um grande impulso.



AS MANOBRAS MILITARES NO BUSSACO — DEPOIS DA MISSA CAMPAL

A multidão acclamou delirantemente a familia real no fim da cerimonia religiosa. S. M. a rainha senhora D. Amelia, montando um soberbo cavallo negro, atravessou per entre as alas do povo para ir passar revista ás tropas. Ao longo da marcha, na extensão d'um kilometro, o exercito estava formado n'um quadrado maravilhoso e imponente.

Foi cheio d'interesse o desfile das tropas diante de S. M. A frente viaha o sr. general Loureiro e Mousinho com o seu estado maior, seguindo-se capangas 1 e 6, esquadrão da cavalleria 8, artilheria a cavallo, general da 2.ª divisão e seu estado maior, divisão de cavalleria, pelotões de telegraphistas e ministros, 9.ª e 10.ª brigadas d'infantaria e os serviços auxiliares.

No Grande Hotel de Bussaco chegou a não haver lugar para armar mais letos e a comida chegou a um preço fabuloso. No entanto a vida no hotel era animada, realisando-se 200000 dançantes e sendo as senhoras d'irresistivel gentileza. No palacio real tambem houve diferentes reuniões ás quaes assistiu uma sociedade escolhida, predominantemente o elemento militar que com o brilhantismo das fardas dava um extraordinario realce ás bellissimas diversões.

A multidão agglomerava-se em frente do paço todas as manhãs e enthusiasmicamente saudava os monarchas.



COLONIAS PORTUGUEZAS: UMA CAÇADA NA LAGOA DE PANGUILA EM LOANDA—OS CAÇADORES—APÓS A CAÇADA—ACAMPADOS

As caçadas aos jacarés são por vezes cheias de perigos, e é necessário grande cuidado para que os caçadores e a silas se aventurem sem numerosa escolta. Está constituído um grupo de comerciantes de Loanda, para se dedicar a estas caçadas, tendo já realizado duas, uma a 31 d'agosto, a outra a 14 de setembro. Maltraz alguns dos amplitões após grandes caçadas e algumas horas de espera, e um dos animais foi submetido e enviado à Sociedade de Geografia.

Para se fazerem estas expedições são necessários muitos negros serviaes que conduzem os

patentes e trem de cozinha a distancias quasi sempre consideraveis, isto além de bellissimas es pingaças de aguçto alcance e de grande calibre, porque os animaes tem poucos pontos vulneraveis e custa immenso atravessar-lhes as carapacas d'acaras que lhes cobrem os dorsos.

Foi, pois, felicissima essa caçada na lagto de Panguil, dovendo em breve realisarem-se outras com maior numero de batidores.

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Novas segas e liteiras desembocavam do largo das Duas Igrejas, com acompanhamentos de creadagem, que illuminava o caminho com lanternas e tochas.

Era maior a agglomeração de ajuens no céu, onde pareciam fazer-se os leutos preparativos de uma tempestade.

Pina Manique, encostado ao cunhal das Chagas, aguardou, cauteloso, que passasse a sege de lord Beckford. Mas, de repente, um estremeamento sacudiu-o, como se o acomettesse uma vertigem. Uma vontade imperiosa fê-lo levantar a cabeça. Sem vacillar, os seus olhos dirigiram-se para uma das janelas illuminadas do palácio, onde avultava a sombra de um homem. E Pina Manique reconheceu Cagliostro.

III

UM SERENIM NO PALACIO DO CALHARIZ

O arcebispo de Thessalónica recostou-se na *bergère*, sacudiu violentamente com o lenço, do habito branco de carmelita, o rapé, que os seus grossos dedos do antigo soldado tinham entornado da caixa de ouro cinzelado, e voltando-se para a irrequieta condessa de Pombal, perguntou com a sua habitual intimativa:

— Na verdade, senhora condessa? Sua Alteza foi gentil a esse extremo com a condessa de Stephanis?

— Quanto a isso, senhor D. Arcebispo, asseguro a v. ex.ª que deu á corte um exemplo de galanteria digno de melhor sorte! — atalhou com a sua garrulice de creança a condessa de Lumiares.

— Uma galanteria á Luis N. V., senhor D. Arcebispo! O conde de Atalvia contava que Sua Magestade se descobria á passagem das creodas, nos corredores de Versailles!

— Por isso em França as creodas se substituem ás rainhas e roubam collares de brilhantes aos cardenas! — disse com fatuidade o visconde de Ponte de Lima, debruçado sobre as costas douradas d'uma cadeira, onde o vischo marquez de Marialva dormitava, como um senador romano, na digestão da sua merenda copiosa.

O duque de Cadaval assentou a luneta para a linda e triste condessa de Stephanis, esteve contemplando por um instante os seus cabellos de ouro e os seus azmes e candidos olhos de creança, que faziam morder de inveja os heicinhos vermelhos da infantil condessa de Lumiares.

— As acatatas da senhora princeza do Brasil querem dar proporções de negocio de Estado a um simples episodio de galanteios! A italiana é linda como os amores! Palavra de fidalgo, merece que um principe de Portugal lhe beije as mãos!

Dando um passo entre as anquinhas de brocado, a renda do punho dentro dos copos do espadim, o tricorneo de polia de seda sob a manga de velludo cõr de cereja, o conde de Obidos fez uma venia de respeito ao ministro, diante do qual, a cada momento, todos se inclinavam, e apoiou com risinhos desdenhosos em como Sua Alteza já se não lembrava aquellas horas da linda Lorenza, nem d'aquelle beijo escandaloso.

As mulheres, para quem D. José nunca tivera senão olhares sobranceiros, fiavam com uma curiosidade maligna a italiana, que um instinctivo receio continha a um canto da sala de musica, apoiada ao cravo de charão.

Polycarpo, o tenor da Capella Real, a quem, na vespera, Cagliostro fizera recuperar a voz, cantava n'esse instante uma aria de Peres, acompanhando-se ao cravo. Anselmo Sobral quisera assim attestar com aquelle milagre, que fazia a admiração do velho marquez de Marialva e do Grão-Prior de Aviz, a sciencia do seu hospede maravilhoso. O marquez de Pombal e o coronel do regimento de Cascaes, D. Luiz de Miranda, valido do principe do Brasil, pareciam, em volta do cravo, pelas repetidas reverencias, summorados da condessa de Stephanis, cuja mão de fada a mulher de Anselmo Sobral guardava entre as suas, com o carinho de uma patricia.

... as salas estavam quasi desertas. A Rainha arrastára atrás de si, para as Caldas, com os seus bobos, as suas pre-

tas favoritas, os seus maestros e cantores italianos, n'esse sequito innumeravel que se deslocava para toda a parte com a magestade, grande parte da nobreza ao serviço da corte, além das casas das princezas e do pessoal supérfluo das secretarias dos ministros. O proprio Arcebispo, que chegara tres dias antes inesperadamente a Lisboa para conferenciar com o nuncio, invocara a ausencia da corte para poder assistir ao sermão do Calhariz, onde se fizera transportar na sua sege, com um acompanhamento numeroso, mais proprio de um satrapa que de um carmelita. A sua comitiva de frades, de escedeiros, de soldados e lacaios de tocha enchia o grande vestibulo de entrada, em frente á escadaria.

Essa quasi solidão das vastas salas illuminadas pelos lustros de Veneza era pouco propicia para as seducções contagiosas de Cagliostro. Em cada uma das poucas personagens que a etiqueta severa reunira na presença do Arcebispo, havia uma desconfiança forte, lutando com uma curiosidade debil.

Aquella festa era para Cagliostro uma batalha. Debalde, elle tentava descobrir os segredos que se occultavam atrás da fronte impetervavel do Thessalónica, onde elle presentia o esminhar incessante de longos exercicios de pensamentos tumultuosos.

Desde que chegara a Lisboa e se installara no café Neutral, nenhum acontecimento extraordinario se produzia em redor do seu nome, para lhe conquistar o prestigio. Que differença entre essa chegada, quasi ás escondidas, e a entrada triumphal que fizera em Strasburgo, sete annos antes! Então, uma multidão enorme esperava na ponte de Kehl e nas duas margens do Reno o homem sobrenatural, que curava as doencas, o apóstolo da Franco-Maçonaria, que andava de cida e em cidade distribuindo escolas e multiplicando milagres! Agora, tendo resignado os antigos titulos, tornados perigosos n'um paiz devoto e realista, governado pela egreja e vigiado pela policia, sentia-se enfraquecido para a lucta formidavel em que se encontrava de repente envolvido. A ausencia de lojas maçonicas constituídas subtrahia-lhe a arma mais segura de victoria, reduzindo-o aos seus proprios recursos. A cura do tenor Polycarpo, algumas escolas ostentosas e a publicidade que dava todos os dias da sua devoção á Virgem de Luroto, padroeira dos italianos, haviam apenas conseguido fazer redobrar a vigilancia da policia. As cartas falsas de apresentação com que se munira, se tinham servido para o introduzir no recinto privilegiado da nobreza, expunham-no a morrer dentro d'elle como uma fera no circo. Cagliostro tacteara ás vezes n'um labyrintho. Vagamente, meditava em quanto lhe seria conveniente levar até ao throno esse principe exaltado, sequioso de predomínio, de amor e de justiça, que na vespera contemplara com olhos de fã insaciavel e enternecido desejo a falsa innocencia do Lorenza e o escentara discorrer sobre a politica da Europa e sobre as descobertas de Lavoisier e Lavater! Elle saberia então alimentar, como fizera ao cardinal de Rohan, a sede de amor e de sciencia d'esse principe, discipulo do Pombal, cujo poder a egreja parecia reccar como um flagello!



UM PIQUETE DA GUARDA REAL A CAVALLO



SUA EXCELLENCIA, O SENHOR LORD BECKFORD.

A sua imaginação trabalhava affectivamente n'uma grande trava. Os seus olhos procuravam poustrar nas consciencias, immobilisar os pensamentos, envolver os corações.

Junto d'elle, vigiando-o como um carcereiro, Pina Manique não via estromecer um musculo d'essa face de bronze, nem arfar de leve aquelle peito onde se desencadeava uma tormenta.

Ao longe, na sala do setim amarello, o grupo de mulheres e fidalgas, em redor do Arcebispo, parecia um tribunal convocado para um julgamento.

Com a mão poderosa pousada na cruz de ouro, o arcebispo inclinava a cabeça fatigada, n'uma attitudão de profunda reflexão, enquanto a bulhosa condessa de Lumiar, brandindo nas suas mãosinhas de dozeisis annos o leque de tartaruga, como uma vara de justiça, contava a D. Henriqueta de Menezes, ao moço duque de Cadaval e ao conde de Obidos, essa audiencia sensacional de Queluz, que tanto a escandalisava.

Desde pela manhã que lá se estava na vespera, para se despedir, como dama de honor, da princeza do Brazil, que partiria para as Caldas a junlar se á Rainha. Fora testemunha dos modos altivos, dissolutos e rudes com que o príncipe D. José, na sala das talhas, recebera o embaixador inglez, guardando no bolso, sem a

lér, a carta do príncipe de Galles, de que era portador sir Roberto Walpole, e das censuras que a *monseigneur* de Bombelles, representante do rei da França, publicamente fizera dos excessos da policia portugueza. Todos se afastavam melindrados, quando o duque de Lafões lhe viera annunciar a chegada do conde de Stephans. E logo alli mesmo, em frente aos ministros de França e de Inglaterra, que se apressaram em retirar-se, o príncipe mandara entrar o conde e a condessa o abrir as portas do seu gabinete de physica.

Estava em meio da sala, de pé, com o duque de Lafões e o príncipe Reuss. Toda a casa da princeza do Brazil se achava presente. D. José amarelhava a carta do príncipe de Galles, olhando com surpresa a condessa de Stephans, que se adeantava em reverencias, como um andor em processo, com os seus cabellos de ouro enfeitados de pedras. E todas as damas da princeza lhe tinham achado tanta graça nas mostras, que a viscondessa de Lourenço dissera para a marquesa de Tancos: — Muito mal se aprende a fazer venias no inferno! — Um rumor de pequenez vitor, abafado pelos lances e pelas loques, provocava-se na sala. Com os olhos accesos de colera, o príncipe adeantara outro um passo para a italiana, que quasi chorava de despeito e medo, a impedindo-a de transcorer na cauda do vestido, beijava-a na mão, diante de toda a casa assombrada da princeza!

E a irritada fidalguinha, com as faces côr de surruira, onde mais acultavam as *manches* galatas, elevava para o côo, n'uma attitudão de horror, as mãosinhas escaudalisadas e resplandecentes de joias.

— Que lhe parece, duque? Mas o Cadaval, que morria por italianas, escolheu soberbamente os hombros. O visconde de Ponte de Lima imitava o gesto escandalizado da condessa e o medico Picanço, avançando a cabeça entre as cabeleiras empoadas e as plumas azues, côr de rosa e brancas dos toucados, disse baixo:

— Se essas heijas fossem da pragmatica, seria facil a um regedião impregnar uma linda mão italiana com algum veneno subtil e mortal!

O arcebispo teve um leve estremeimento de palpebras.

N'esse instante, Anselmo Sobral deixava o Intendente e o duque de Lafões entretidos no seu diuello de epigrammas e acompanhado do conde de Stephans caminhava no seu passinho meudo para o arcebispo.

Polycarpo tinha acabado a sua aria. O marquez de Marialva, piscando os olhos de somno, apoiava ao seu bastão de ouro a sua orgulhosa senectude de patriarcho. Todas as attensões se concentravam n'aquelle homem pequeno e forte, vestido de preto, que avançava com serena altiva para o confessor omnipotente da Rainha, diante do qual se curvavam submissos os proprios vice-reis do Algarve, do Brazil e das Indias.

O medico Picanço e o marquez de Lavradio, recombegado do Brazil, tinham-se approximado do grupo de Theosalonica. Ouvia-se o espirrar dos pavios das velas nos lustres de cristal faiscantes. Os reposteiros de seda amorteciam os rumores do atrio e da escadaria, onde aguardava o sequito numeroso do arcebispo.

N'esse silencio, a voz de Sobral, que se curvava diante do volumoso inquisiteiro-mór, ouvia-se distinctamente nas tres salas.

— Conceda-me vossa grandeza a honra de lhe apresentar o senhor conde de Stephans.

Na face de Cagliostro houve apenas uma contração imperceptivel. Soara para a sua vida uma hora suprema. Era indispensavel tornal-a dominadora no espirito d'esses espectadores poderosos e scepticos o d'esse ministro, cujas mãos tocavam de perto o sceptro soberano. Por um momento, o seu olhar carregado de fluido percorreu as tres salas, desde o crivo de charão, ao qual Lorenna se apoiava quasi desfallacida, até ao círculo de cabeças empoadas, que o circgia de perto, n'uma curiosidade avida. E todos tiveram a impressão de que esse pequeno homem crescera de repente, erecto na casaca de setim preto, as mãos crispadas e chammeoladas de joias. Diante do arcebispo, esse pygmeu parecia querer elevar o poder sobrenatural das suas sciencias.

Theosalonica, com as mãos nos braços doutrados da cadeira, franzira mais, como uma divindade tritada, as sobrancelhas crepadas e quasi se levantara em frente a essa attitudão arrogante.

Mas o olhar de Cagliostro conteve-o immovel na cadeira, entre toda a sua côrte, que se erguera pallida e assustada.

Apenas a filha do marquez de Marialva se conservava n'um quabranço, immovel atrás do arcebispo, como se a attitudão essa occulto poder que emanava do olhar scintillante de Cagliostro. De longe, como uma ave afflicta, que uma serpiente atrahia, Lorenna caminhava em direcção a essa olhar fulgurante, signada pelo marquez de Pombal e D. Luiz de Miranda.

N'esse silencio expectante, com um terrivel vagar, Cagliostro curvou-se, dobrou o joelho, e houve como que um suspiro de alivio em todos os espectadores d'aquella scena, quando os olhos dominadores se inclinaram para a terra e o rumor quasi imperceptivel de um beijo afflorou a ametista do anel arcebispaol.

— Quando chegou de Londres, conde? perguntou Theosalonica.

— Ha dez dias, grandeza — responderam Cagliostro, arguendo-se com a mesma excessiva lentidão com que ajoelhara.

— É a primeira vez que visita Portugal? — Não, grandeza. Durante o retardo do defunto rei, estive tres dias em Lisboa. Penava encontrar em Portugal uma excellencia a grão-mestre de Malta, Pinto da Fonseca. Foi a um templo sagrado, vinha submetter-lhe o resultado de longos estudos, que ambos comprehendemos em Malta, ha vinte annos, e eu continuei sózinho em Londres.

— E qual era o fim d'esses estudos, conde? — Renovar na natureza os milagres de S. Thomas a Paracelsus, distribuir a saúde e o ouro pela humanidade!

Theosalonica agitou-se na cadeira. A sua face volubrosa e enesca, desde o queixo redondo, assente na barbella, até á fronte estreita, adquirira de subito essa gravidade que a consciencia da força crava por momentos nos semblantes dos reis e dos poderosos.

O medico Picanço sorria com desrezo para aquelle homem audacioso, que pretendia fazer o ouro e exterminar a moléstia. O duque de Lafões contemplava, aborrido, a linda filha do Marialva. O velho marquez, apoiado ao seu bastão, pensava na cura miraculosa de tonor Polycarpo. Theosalonica ia de novo falar, quando os locaes correram e reposteiros da primeira sala, as tochas dos escaudelos mancharam de vermelho as figuras mythologicas dos pannels de Arda e n'uma ondulação de plumas brancas appareceram, pintadas como figurinhas de Saxe, bamboando as amanhãs, as condessas de Caparica e Assumar e logo atrás as casacas vermelha e azul do conde de Lumiar e D. Fernando de Lima e a perneca do sabio congado Theodoro de Almeida.



(Continúa.)



SR. ANTONIO M. CARVALHO
Fallecido em 27 de Agosto



SR. JOAQUIM JOSÉ FERNANDES
Fallecido em 7 de setembro no Tortoço



SR. ALEXANDRE J. JOAQUIM DE CARVALHO
Fallecido em 3 de agosto



SR. JOÃO JACINTHO FERNANDES
Fallecido em 1 de setembro



A PROCESSÃO: OS ANJINHOS



O PALCO



A MÚSICA QUE ACOMPANHOU A PROCESSÃO

AS FESTAS DA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM S. JULIAO DA BARRA

CHRONICA ELEGANTE

Com as primeiras brumas outomnaes, começa-se a pensar um pouco nos agasalhos, posto que a temperatura, mórrmente em Lisboa, não seja ainda de molde a recordar qual-quer indício de frescuras ou das tão desejadas chuvas.

Comprahendemos que aos lavradores se torne prejudicial esta quadra estival, mas para aquellescuja unica preoccupação n'este tempo é gozar ampla e folgadamente das villegiaturas de praias, de thermas, de campo e de todos os attractivos que estas villegiaturas comportam, para estes o verão devia prolongar-se indefinidamente com as suas nuvens luminosas, os dias fulgurantes de sol, os crepusculos deliciosos e as noites perfumadas e tépidas. *Mas tout passe, tout lasse, tout casse*, e provavelmente quem vive em paizes sem invernos anecia por dias sombrios, por noites chuvosas passadas no recanto d'um aposento confortavel e quente, n'uma deliciosa intimidade.

N'a falta de novidades defindas em questão de modas correm boatos que parecem querer trazer visível alteração na toilette.



FIGURA 2

uns tons neutros para todas as idades e circumstancias. Nas cores claras teremos coral e amarello, azul e mauve, azul e amarello, as tão decantadas cores de peito de rola, *gris, de lin, flamme de punch*, etc. Estes tecidos prestam-se maravilhosamente ás modas actuaes, rufes recortados, folhos, acompanhados de largas rendas nas mangas e nos corpos em forma de *berthe*.

Por enquanto continuam os vestidos de tecidos de verão, mas como *élément* confortavel ha as *pélerines*, os *boleros*, e sobretudo os conhecidos *paletois*, que fazem furor, mórrmente nas cores *mauve* e vermelho para acompanhar os vestidos muito claros ou brancos.

Uma novidade que tem feito sensação é a *toilette habillée* em panno branco com *revers* de setim preto abertos sobre *jabot* de renda.

Um d'elles é a reaparição das sedas. As que são macias, molles, continuarão a usar-se, mas modificadas e artisticamente ornamentadas. O setim tendo a reasumir todas as prerrogativas de outros tempos e até os lavrados se usarão. Isto, contudo, são apenas tentativas que talvez falhem. Mas o que parece accentuar-se, com a manifesta predilecção pelos feitiços antiquados, é a necessidade de adoptar tecidos tambem d'outra época, como o tafetas glacé de *farla côres*, sendo as nuances predilectas *puce* (pulgaz) e *groselha*, verde e roxo, verde e azul, preto e *mauve*, castanho e verde, que formam

Outra actualidade muito elegante é o vestido de seda enfeitado de panno da mesma cor, com a saia cortada de tiras em vriez pospostadas e os corpos fartamente enfeitados no mesmo sentido. Nas *costumes tailleur* para a proxima estação, a acreditar o que se diz, os casacos serão todos de longas abas no genero Luiz XV e as mangas masculinas estreitas e lisas com um pequeno canhão real ou simulado a guarnecer o punho.

Fig. 1—Costume *tailleur* para a proxima estação, a acreditar o que se diz, os casacos serão todos de longas abas no genero Luiz XV e as mangas masculinas estreitas e lisas com um pequeno canhão real ou simulado a guarnecer o punho.

Fig. 2—Toque em tulle cor de rosa e tulle preto *paileté*; *aignette* cor de rosa.

Fig. 3—Paletois em panno vermelho. Chapen *Marquis* de feltro cinzento com galões cachemiro e *aignette* de varias cores.



FIGURA 1



FIGURA 3